

Cinemas de Calçada em Novo Hamburgo: Sociabilidade, Memória e Reconfigurações no Espaço Digital¹

Marco Antônio Bourscheid JÚNIOR²

Miriam de Souza ROSSINI³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo discute como as redes sociais, em particular o grupo no Facebook Novo Hamburgo Contemporânea, têm se tornado espaços de ativação da memória coletiva sobre os antigos cinemas de rua da cidade. Por meio de uma análise qualitativa de postagens entre 2020 e 2025, discute-se como os moradores reconstroem e ressignificam suas experiências cinematográficas, articulando conceitos de memória coletiva (Halbwachs, 1990), história oral (Alberti, 2005), recepção cultural (Martín-Barbero, 2000) e memória urbana (Ferrara, 2008).

PALAVRAS-CHAVE: memória coletiva; redes sociais; cinema de calçada; cinema gaúcho; sociabilidade digital.

INTRODUÇÃO

Este artigo discute como as redes sociais, em particular o grupo no Facebook “Novo Hamburgo Contemporânea”, têm se tornado espaços de ativação da memória coletiva sobre os antigos cinemas de rua da cidade. Por meio de uma análise qualitativa de postagens entre 2020 e 2025, discute-se como os moradores reconstroem e ressignificam suas experiências cinematográficas, articulando conceitos de memória coletiva (Halbwachs, 1990), história oral (Alberti, 2005), recepção cultural (Martín-Barbero, 2000), e memória urbana (Ferrara, 2008).

O fechamento das últimas salas, nos anos 1990, e a migração da experiência cinematográfica para shoppings e o ambiente doméstico deslocaram o cinema do espaço físico para o campo da memória afetiva. Esse processo, comum no Brasil, reflete transformações na indústria cultural e na dinâmica urbana. Pozzo (2020) descreve dois

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, bolsista de Iniciação Científica da BIC-UFRGS, e-mail: bhc2marco@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora dos Cursos de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e-mail: miriams.rossini@gmail.com

deslocamentos para as "telas migrantes": um regional (do interior para o litoral, cidades pequenas para grandes) e outro intraurbano (dos centros tradicionais para shoppings). Essa reconfiguração culminou num "desmonte cultural" do setor, intensificado pela extinção da Embrafilme na gestão Collor. Apesar disso, nas últimas décadas, observa-se a reativação dessas memórias via redes sociais digitais.

Este artigo, recorte da pesquisa de TCC “O Cinema como Manifestação e Movimento Cultural: A relação entre a sétima arte e o município de Novo Hamburgo/RS”, investiga como o grupo Novo Hamburgo Contemporânea, no Facebook, criado em 2020, atua na rememoração coletiva dos cinemas de rua, articulando narrativas individuais e coletivas, potencializadas pelo ambiente digital.

CINEMA, MEMÓRIA E CIDADE: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

A pesquisa faz-se a partir de um mosaico de autores, que olham ora para a prática social, o ir ao cinema e as memórias envolvidas nessa prática, quanto para a cidade que abriga essas salas, favorecendo as sociabilidades urbanas. Ao mesmo tempo, a análise da memória em redes sociais exige articulação entre comunicação, história e sociologia.

Maurice Halbwachs (2006) compreende a memória coletiva como fenômeno socialmente construído, onde a lembrança individual é mediada por quadros sociais, enquanto Verena Alberti (2005) legitima relatos de memória em redes sociais como história oral, fragmentos de história coletiva. Para Jesús Martín-Barbero (2000), a influência de classe social, geração e contexto histórico na recepção cinematográfica. Já Lucrécia Ferrara (2008) contribui com a teoria da imagem urbana, onde espaços como cinemas de calçada tornaram-se marcas simbólicas e afetivas, ressignificadas no tempo. Assim, utiliza-se os textos dos autores para abordar metodologicamente as postagens e os comentários no grupo Novo Hamburgo Contemporânea, de modo que formam um mosaico heterogêneo de memórias, refletindo essas camadas sociais e geracionais.

Em Novo Hamburgo, cinemas de rua serviram como quadros sociais, palcos de significados afetivos e identitários. A experiência de “ir ao cinema” envolvia, além da fruição audiovisual, práticas sociais como encontros, paqueras e trabalho, conforme Puhl e Silva (2010, 2011). Essa prática, antes física, agora se manifesta em novas mediações digitais.

DO CINEMA DE CALÇADA ÀS REDES DIGITAIS: A ATIVAÇÃO DA MEMÓRIA NO GRUPO “NOVO HAMBURGO CONTEMPORÂNEA”

O grupo Novo Hamburgo Contemporânea, no Facebook, foi fundado em 27 de janeiro de 2020 para resgatar memórias culturais, e rapidamente tornou-se um espaço de mobilização da memória afetiva da cidade, com cerca de 46,7 mil membros. Entre 2020 e 2025, centenas de publicações destacaram lembranças dos antigos cinemas de rua: filmes, filas, funcionários e rituais sociais.

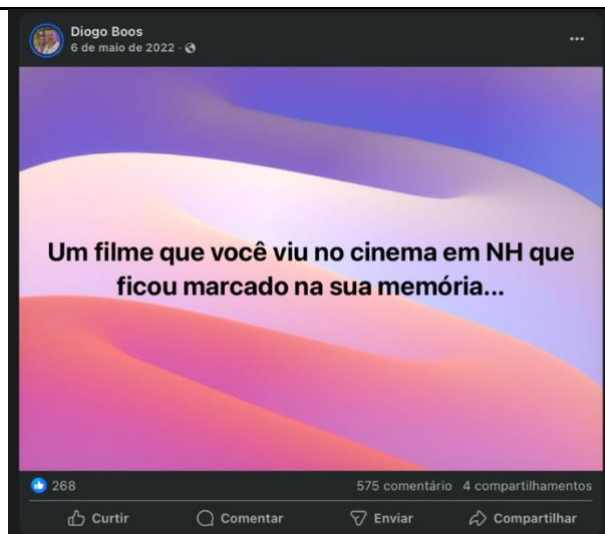
Conforme Murray (2003), o grupo opera como ambiente digital procedimental, participativo, espacial e enciclopédico. Suas funcionalidades fomentam o registro da memória cotidiana, auxiliando narrativas. Postagens sobre cinemas surgem espontaneamente, por gatilhos emocionais ou datas comemorativas, permitindo que narrativas sejam construídas em um "mosaico" de fragmentos de memória. No contexto da pandemia de COVID-19, que impulsionou uma "urgência de construção da memória" (Perrotta; Cruz, 2021), as redes sociais transformaram-se em ferramentas essenciais de interação. Nesse período, o grupo alcançou seu ápice de engajamento entre 2020 e 2021, evidenciando o poder mobilizador da memória cinematográfica.

LEMBRANÇAS DA PROGRAMAÇÃO E DOS FILMES MARCANTES

Diversas postagens mostram anúncios, recortes de jornais e cartazes de filmes. A programação era relevante no cotidiano hamburguense, com 2.399 menções no Jornal NH (1960-2000), incluindo críticas e colunas sociais (Puhl e Silva, 2010). Filmes de Teixeirinha, pornochanchadas, produções hollywoodianas e sessões especiais são recorrentemente lembrados. O engajamento pela rememoração é notável.

Na Figura 1, pode-se ver uma postagem de Diego Boos (2022) sobre uma chamada à memória dos filmes que mais marcaram o público. A postagem recebeu 575 comentários.

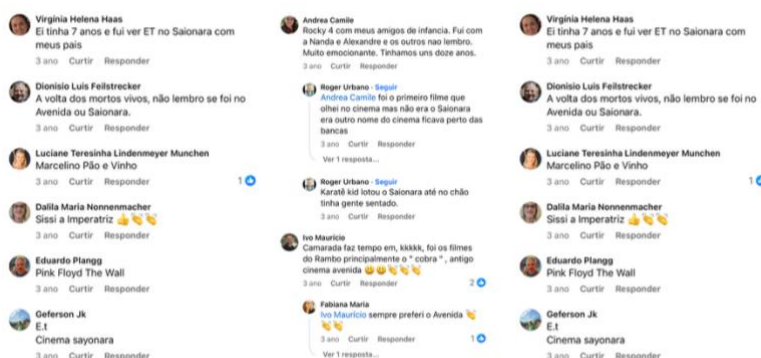
Figura 1 - Postagens sobre a programação e filmes marcantes



Fonte: Postagem retirada do grupo “Novo Hamburgo Contemporânea” no Facebook.

Na Figura 2, usuários comentam sobre os longa-metragem que mais os marcaram.

Figura 2 - Comentários com citações de filmes marcantes



Fonte: Colagem produzida pelo autor com comentários do Facebook.

Nos comentários, usuários constroem narrativas afetivas, ligando filmes a momentos pessoais. *O Grande Búfalo Branco*, *Crocodilo Dundee*, e *Rocky 4* são exemplos de marcos pessoais, como mostra a Figura 2, que reúne comentários que citam esses filmes, reforçando a ligação pessoal com a sétima arte. Esses exemplos ilustram o repertório que marcou gerações, e aprofunda a conexão afetiva entre as obras e a vida dos espectadores. Histórias cinematográficas tornaram-se parte integrante das narrativas pessoais, evocando um tempo de descobertas, emoções e sociabilidade intensa que ressoa digitalmente, reforçando o papel do cinema de rua como parte ativa da identidade e pertencimento em Novo Hamburgo no século XX.

Conforme Zanella (2006), cinemas de calçada eram espaços de interação social, o que as lembranças no grupo confirmam. Em entrevista feita pelas pesquisadoras Cristina Silva e Paula Puhl (2010) com José Carlos Blankenheim, o último proprietário do Cine Saionara, ele ressaltou o cinema como "evento social", onde pessoas se "conheciam" e "namoravam". Filas para ingresso, longe de incômodos, integravam o programa social, fomentando expectativa e interação antes da sessão .

Na Figura 3, encontra-se a colagem produzida por diferentes postagens e comentários que evocam a dinâmica das "sessões duplas" e "matinês", assim como a troca de gibis, um ponto rememorado que evidencia a natureza social da experiência.

Figura 3 - Sociabilidade nas matinês: filas, trocas de gibis e primeiras vezes



Fonte: Colagem produzida pelo autor com comentários do Facebook.

Essa prática, com trocas de gibis na fila, demonstra que a programação impulsionava a sociabilidade e a diversão coletiva, estendendo-se além do filme. As "primeiras vezes" no cinema são revisitadas com afeto – seja o "primeiro filme", o "primeiro namorado" ou o "primeiro encontro". Marilei Mello lembra: "Primeira vez me lembro filme lua de mel ao meio-dia". Jose Roberto Perez sintetiza: "Era ir no Lumière ou no Avenida....Tempos que não voltam mais! Beijos no escurinho do cinema.". Era também no "escurinho do cinema" que ocorriam os "altos namoros" e "muito beijo". Muitos encontraram o amor da vida ali, como Glacy Feller Glacyarte: "Eu ia com meu namorado e um chá de pera, hoje casada com meu namorado!". Na Figura 4, vemos os comentários sobre paqueras e romances.

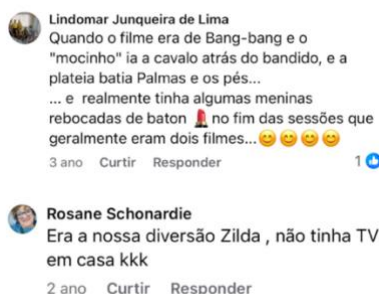
Figura 4 - Paqueras e romances nos cinemas de rua



Fonte: Colagem produzida pelo autor com comentários do Facebook.

A sociabilidade também se manifestava em reações coletivas durante os filmes. Em filmes de "Bang-bang", a plateia batia palmas e pés, transformando a sala em catarse compartilhada. Para muitos, sem televisão em casa, o cinema era o principal divertimento. O comentário: "Era a nossa diversão, Zilda, não tinha TV em casa kkk", resume a centralidade do cinema para famílias, tal como aparece na Figura 5.

Figura 5 - Relação entre televisão e cinema na memória social



Fonte: Colagem produzida pelo autor com comentários do Facebook.

Assim, essa paixão levava alguns a "pagar um ingresso e assistir dois filmes" ou a "sair de um [cinema e entrar] no outro", prolongando diversão e convivência. Essa vivacidade contrasta com a descrição de Turner (1997), que aponta a ida ao cinema como evento de "longa preparação", traduzindo-se em rituais sociais que iam além da simples compra do ingresso.

PROGRAMAÇÃO PARA ADULTOS

A experiência cinematográfica em Novo Hamburgo não se resumia às matinês familiares e aos clássicos que enchiam as salas aos domingos. Os cinemas de rua também abrigavam uma programação voltada ao público adulto, um perfil de conteúdo que foi ganhando espaço e se tornou parte das marcas culturais da cidade, especialmente à medida que esses espaços se distanciavam do glamour e da segurança dos recém-inaugurados shopping centers. Afinal, as salas de calçada mantinham seu caráter de proximidade com a vida das ruas. A intrínseca relação com o ambiente urbano influenciou diretamente a programação, inclusive a adulta.

A programação adulta tornou-se particularmente evidente nos últimos anos do Cine Saionara, que, antes de seu fechamento em 1995, teve sua programação majoritariamente associada a filmes pornográficos. Essa mudança refletia a marginalização das antigas salas e a busca por um público específico: casais em busca de espaço reservado, ou indivíduos em busca de filmes pornográficos (Puhl e Silva, 2011). Em Porto Alegre, Gastal (1999) já apontava que a violência e os "perigos" no centro contribuíram para a migração das salas aos shoppings, dinâmica que se reflete em Novo Hamburgo, onde o declínio do cinema de rua e a mudança de perfil de conteúdo andaram de mãos dadas com a percepção de insegurança urbana.

Memórias sobre o primeiro contato com filmes "para maiores de 18 anos" são ricas. Jorge Luis Petry, por exemplo, recorda sua experiência no Cine Aída: "eu era menor e lá assisti meu primeiro filme para maiores de 18 anos, na época foi o máximo. kkkkkkkkkkkk". Luis Fernando Cruz compartilha lembrança similar do Cine Avenida, onde, aos "16 ou 17 anos", conseguia entrar nas "pornoachadas", e o "guarda fazia cara feia mais deixava entrar". Os comentários podem ser vistos na Figura 6.

Figura 6 - Primeiros contatos com filmes para maiores



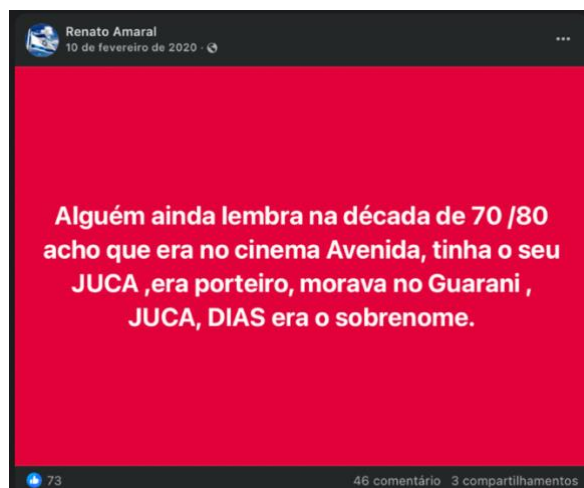
Fonte: Colagem produzida pelo autor com comentários do Facebook.

É importante notar que, embora comentários sobre namoros e paqueras fossem encontrados entre as menções de ambos os gêneros, as referências diretas a filmes "adultos" e "pornô" são quase unanimemente feitas por homens. Isso sugere que esses espaços e conteúdos poderiam ser percebidos como um "reduto de homem", como indicado por Sérgio Scherer: "Naquela época reduto de homem ainda era normal ter fotos de mulheres peladas na parede!!!!!! Kkkkkkk". Essa observação indica um perfil de consumidores específico que se estabeleceu nessas salas, conforme ficavam decadentes.

PERSONAGENS DA MEMÓRIA: PROJEIONISTAS, PORTEIROS E FUNCIONÁRIOS

Além das projeções e da sociabilidade, os cinemas de rua de Novo Hamburgo eram locais de trabalho e vivências. Em espaços de memória digital, surgem registros informais e valiosos sobre funcionários, revelando a face laboral. Porteiros, operadores de projetor, bilheteiros, pipoqueiros e baleiros emergem nos comentários, demonstrando forte conexão da comunidade com essas figuras. Um exemplo marcante é "Seu Juca", porteiro do Cine Lumière. A postagem de Renato Amaral em 2020, na Figura 7, sobre ele gerou comentários como "Era meu pai, ele trabalhava no cine lumier", "Era meu vô" e "Meu tio".

Figura 7 - O porteiro Seu Juca e a conexão familiar com os cinemas



Fonte: Postagem retirada do grupo “Novo Hamburgo Contemporânea” no Facebook.

A figura do projecionista também é recorrente. Maiquel Cassol evoca a sala de máquinas do Cine Avenida, onde seu pai trabalhava, lembrando o "cheiro de óleo de

máquina. o cheiro de plástico do filme". Liana Ester recorda o pai "projetista no Saionara" e a experiência de "espiar pela janelinha". Wanderlei Fd compartilha ter "Trabalhado de operador nessas máquinas, como mostra a Figura 8.

Figura 8 - Projecionistas e os bastidores da sétima arte



Fonte: Postagem retirada do grupo “Novo Hamburgo Contemporânea” no Facebook.

Esses relatos informais oferecem um panorama único sobre a vida e o trabalho nos cinemas de rua, complementando documentos oficiais. O cinema era, portanto, mais que cinefilia; era pertencimento para famílias e trabalhadores, uma história revelada por novos fatos nas redes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das interações no grupo Novo Hamburgo Contemporânea evidencia que, mesmo décadas após o desaparecimento físico dos cinemas de rua, a memória afetiva em torno desses espaços permanece viva e pulsante. As redes sociais funcionam hoje como verdadeiras “calçadas virtuais”, nas quais os moradores da cidade continuam a praticar formas de sociabilidade, agora mediadas por interfaces digitais.

Através dos depoimentos, é possível ressaltar que o cinema de calçada também era um espaço de catarse coletiva, onde emoções eram compartilhadas e intensificadas pela experiência em grupo. A permanência dessas lembranças nas redes sociais evidencia o quão marcantes foram esses momentos para a formação emocional e social dos frequentadores de Novo Hamburgo.

O estudo reforça a importância de olhar para esses espaços digitais como territórios legítimos de produção de memória social, identidade urbana e pertencimento coletivo. Em tempos de crescente virtualização das experiências culturais, compreender como as comunidades locais ativam e reconfiguram suas lembranças pode ser um passo fundamental para a formulação de políticas de memória, educação patrimonial e valorização da história oral.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla (org.) Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p.155-202.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Comunicação, Espaço, Cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.

GASTAL, Susana de Araújo. **Salas de cinema: cenários porto-alegrenses**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JÚNIOR, Marco Antônio Bourscheid. **O Cinema como Manifestação e Movimento Cultural: A relação entre a sétima arte e o município de Novo Hamburgo/RS**. Porto Alegre: UFRGS, 2025.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. *Comunicação & Educação*, 18, 51-61, 2000.

MURRAY, Janet. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Instituto Cultural Itaú/Unesp, 2003.

PERROTTA, Isabella; SANTA CRUZ, Lúcia. Objetos da quarentena: urgência de memória. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, maio–ago. 2021. DOI: 10.1590/S2178-149420210206. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/YysSHGSgw9nJvQ7RRXtLnjM/>. Acesso em: 12 mai. 2025.

POZZO, Renata Rogowski. Telas migrantes: uma geografia urbana das salas de cinema no Brasil do século XXI. **Rebeca – Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 57–80, jan./jun. 2020.

PUHL, Paula Regina; SILVA, Cristina Ennes da. Lazer e sociabilidade em Novo Hamburgo: no escurinho do cinema. **Esboços: Histórias Em Contextos Globais**, 16(21), 41–68, 2010.

PUHL, Paula Regina; SILVA, Cristina Ennes da. O que vai pelos cinemas: a crítica cinematográfica e a construção das identidades. **Revista FAMECOS**, 18(1), 41–54, 2011.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

ZANELLA, Cristiano. The End: Cinemas de calçada em Porto Alegre (1990-2005). Porto Alegre: Idéias a Granel, 2006, p. 97.